

IMPURO, IMPERFEITO, IMPERMANENTE

Fábio Tibúrcio Gonçalves

Tiago Ribeiro Nunes

(Universidade Federal de Catalão – UFCAT – Catalão - GO)

Resumo

Partindo-se de breves considerações introdutórias a respeito da transição epistemológica do sujeito cartesiano para o sujeito freudiano, com ênfase na ruptura e na subversão do discurso psicanalítico como produção de um novo saber no limiar do século XX, o presente artigo pretende fazer uma análise de trechos da letra da canção “Vivo”, gravada no primeiro álbum ao vivo intitulado “In Cité” (2004) do cantor e compositor brasileiro Lenine (1959) que num engenho de síntese poética, lança-se no arrolando de uma série de palavras adjetivas, a princípio desconexas e ilhadas, para, ao final, compor o retrato ontológico de um sujeito marcado pela fragmentação de seu eu e que, a despeito dessa fragmentação e incompletude, continua vivo, estranho, deslocado e aqui presente.

Palavras-chave: Sujeito freudiano; Lenine; “vivo”.

Abstract

Impure, Imperfect, Impermanent

Starting from brief introductory considerations regarding the epistemological transition of the cartesian subject to the freudian subject, with emphasis on the rupture and subversion of the psychoanalytic discourse as the production of a new knowledge at the beginning of the XX century, the present article intends to make an analysis of excerpts of the song “Vivo”, recorded on the first album titled “In Cité” (2004) by Lenine a brazilian singer and songwriter that in an ingenuity as poetic synthesis, throws himself in the forcing of a series of adjective words, in a first time disjointed and unconnected, to in the end, compose the ontological picture of a subject marked by the fragmentation of himself and that despite this fragmentation and incompleteness, remains alive, strange, displaced and presente here.

Keywords: Freudian subject. Lenine. “Vivo”.

“Sublime é o ponto mais elevado do que
está embaixo”

Jacques Lacan

1 Fragmentar, Decompor, Dispersar

Após a retomada da cultura grega pelo Renascimento europeu, entre os séculos XV e XVII, assistiu-se a um gradual declínio da influência exercida até então pelo pensamento aristotélico escolástico. Na esteira desse declínio, “(...) agilizado pelo contato com a erudição bizantina” (Russell, 2015, p. 22), deu-se a progressiva ascensão da influência do pensamento platônico que culminará no cogito ergo sum, de René Descartes (1596-1650). Para lançar as bases da filosofia moderna, o pensamento cartesiano “(...) parte do ceticismo referente aos sentidos” (Russell, 2015, p. 97). Sua tônica é, portanto, o pensamento em si e não aquele que o produz. Na filosofia cartesiana, esse algo que pensa, tal como afirma Bertrand Russell, é:

O eu que teve a existência provada fora demonstrado a partir do fato de que penso, logo existo enquanto penso - e apenas então. Se deixasse de pensar,

não haveria prova nenhuma de minha existência. Sou algo que pensa, algo cuja natureza ou essência consiste, toda ela, no pensamento e que não precisa de nenhum lugar ou coisa material para existir. A alma, portanto, é inteiramente distinta do corpo; ademais, é mais fácil conhecer a ela do que a ele. A alma seria o que é mesmo se o corpo não existisse. (Russell, 2015, p. 99).

Pelo emprego da dúvida hiperbólica foram colocados em descrédito todos os dados advindos dos sentidos, mas também da imaginação. Por fim, Descartes apresenta o que para ele constitui a única certeza inquestionável. Fundamento principal de sua filosofia, no cogito cartesiano vemos afirmada a identidade entre ser e pensamento: cogito ergo sum:

E, enfim, considerando que quaisquer pensamentos que nos ocorrem quando estamos acordados nos podem também ocorrer quando dormimos, sem que exista nenhum, nesse caso, que seja correto, decidi fazer de conta que todas as coisas que até então haviam entrado no meu espírito não eram mais corretas

do que as ilusões de meus sonhos. Porém, logo em seguida, percebi que, ao mesmo tempo que eu queria pensar que tudo era falso, fazia-se necessário que eu, que pensa, fosse alguma coisa. E, ao notar que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão sólida e tão correta que as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de lhe causar abalo, julguei que podia considerá-la, sem escrúpulo algum, o princípio da filosofia que eu procurava. (Descartes, 2004, p. 62).

Todavia, é exatamente em razão de ser idêntico ao pensamento que esse sujeito postulado por Descartes terá de ser reconhecido ainda como “pontual e evanescente”, conforme feliz expressão de Martial Gueroult (1992, p. 20). Assim, o sujeito cartesiano não representa apenas a demonstração da transparência da razão em relação a si mesma, mas também, ainda que de modo latente, “(...) o seu reverso esquecido, o núcleo do cogito, não reconhecido, excessivo, que está muito longe da imagem pacificadora do Si auto-transparente” (Zizek, 2009, p. 16, grifo do autor). E é precisamente essa dimensão

omitida do sujeito da certeza em Descartes, o que Freud verá emergir de sua prática clínica. Desde o início de sua experiência com as neuroses, ele notou a existência de uma divisão no interior da consciência em razão da qual, quando despertos, os pacientes não sabiam dizer “como haviam surgido os sintomas” neuróticos nem tampouco enxergavam “ligação entre eles e quaisquer impressões de sua vida” (Freud, 2011, p. 80). Os dados clínicos, bem como aqueles recolhidos da vida cotidiana (os sonhos, os esquecimentos, os lapsos de linguagem, os chistes), exigiam, portanto, a hipótese de um psiquismo fraturado, paradoxalmente não idêntico a si mesmo: “é neste si mesmo estranho ao Eu, um si mesmo que Lacan chama de ‘sujeito’, que encontraremos o desejo” (Safatle, 2017, p. 37). Subvertido o cogito, Lacan aponta para a verdade recalcada do sujeito cartesiano: “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (Lacan, 1998, p. 521). Disso resulta que, depois de Freud:

(...) compreende-se que a pré-história da primeira pessoa do singular e da organização do ego deve ter sido longa e conflituosa. O autismo e a esquizofrenia, tal como os

conhecemos, podem perfeitamente constituir vestígios dessa evolução inconstante; indícios de um início complexo como as radiações de fundo em cosmologia. Os mitos oferecem uma multiplicidade de motivos que apontam para a sistemática opacidade do sujeito individual em relação a si mesmo e para a fragilidade e o terror das fronteiras estabelecidas entre “eu” e o outro. (Steiner, 2003, p. 21-22).

Forjado por Lacan ao longo de seu “retorno a Freud”, o conceito de sujeito representa pois a afirmação mesma dessa “discordância primordial entre o Eu e o ser” (Lacan, 1998, p. 188): “não se trata de saber se falo de mim de conformidade com aquilo que sou, mas se, quando falo de mim, sou idêntico àquele de quem falo” (Lacan, 1998, p. 520). Descentrado, “ele nunca se confunde com o Eu” (Safatle, 2017, p. 37). Por isso, diferentemente do sujeito cartesiano, “(...) (aquele no qual vemos coincidirem, no momento fecundo do cogito, o pensamento e o ser), o sujeito do inconsciente afirma-se intervalar, hiato aberto entre o eu consciente e o pensamento inconsciente” (Nunes, 2015, p. 52).

Em Lacan, uma tal discordância entre o Eu e o ser do sujeito resulta diretamente dos processos de alienação, por meio dos quais: a) ao nível imaginário, o Eu surge como mero reflexo especular do outro (semelhante) que lhe fornece os modelos ideais “para os modos de desejar, julgar e agir” (Safatle, 2017, p. 22); b) ao nível simbólico, no desvã entre as necessidades e as demandas que surgem para representá-las, o desejo desponta não como desejo de algo em específico mas como desejo de reconhecimento pelo Outro.

Definido por Lacan como uma linguagem, o inconsciente freudiano é também uma escrita que implica necessariamente o corpo vivo, isso na medida em que é a ele que o sintoma neurótico impõe os seus mais devastadores efeitos. Desse modo, se é verdadeiro que a psicanálise implica “o real do corpo e o imaginário de seu esquema mental”, é igualmente verdade que o seu alcance clínico e teórico depende necessariamente de que se note que “(...) as integrações mais ou menos parcelares que parecem produzir sua ordenação funcionam ali, antes de mais nada, como os elementos de uma heráldica, de um brasão do corpo” (Lacan, 1960/1998,

p. 818). Diferentemente de Descartes, para quem era filosoficamente imprescindível a oposição entre o corpo (Res extensa) e o pensamento (Res cogitans), na psicanálise o corpo conjuga-se a uma palavra que lhe é tão heterogênea quanto indiferente: da incidência do significante sobre o corpo vivo, resulta nada menos do que o irrevogável mal-estar na cultura.

Na esteira de Freud, Lacan demonstrará que o inconsciente “isso quer dizer que, em meio aos numerosos significantes que percorrem o mundo, passa a haver, ainda por cima, o corpo despedaçado” (Lacan, De um discurso que não fosse semblante, p. 16), dissecado pela palavra. Sensíveis à novidade introduzida por Freud, as vanguardas artísticas do início do século XX rapidamente apropriaram-se dela como importante recurso estilístico: “a arte moderna respondeu à trama do caos através de formas fraturadas, estruturas parodísticas, justaposições inesperadas, registros de fluxo de consciência e da atmosfera de ambiguidade e ironia trágica que caracterizam tantas obras do período” (Moraes, 2007, p. 57). Ainda a esse respeito, Eliane Robert de Moraes acrescenta:

Fragmentar, decompor, dispersar: o vocabulário que define a postura modernista é exatamente o mesmo que serve para designar a ideia de caos, supondo a desintegração de uma ordem existente, e implicando igualmente as noções de desprendimento e de desligamento de um todo. Numa era de integridade perdida, o mundo só podia revelar-se em pedaços: a mão que se separa do corpo, a folha ou o lenço que caem ao acaso, decompondo uma unidade, são imagens que encerram o mesmo princípio evocado pela mesa de dissecação. À fragmentação da consciência correspondeu imediata fragmentação do corpo humano. (Moraes, 2007, p. 59).

Fragmentar, mas também decompor, e com isso alterar criteriosamente a realidade dos objetos pelo emprego de uma violência estética tão implacável quanto desmedida. Decompor, mas também dispersar, não mais idêntico a si mesmo, “erotizado, transfigurado pelo prazer ou pela dor, o corpo do desejo tornava-se irredutível à sua forma natural” (Moraes, 2007, p. 66). A arte moderna

exprime com perfeição o modo de ser fraturado desse sujeito surgido da incidência da palavra sobre o corpo vivo, para quem as necessidades, desarranjadas pela linguagem, carecem de acordo com os objetos da experiência. Das tentativas de exploração e de interpretação do estar-no-mundo empreendidos pela arte moderna, resulta a expressão aguda do mal-estar irrevogável desse sujeito condenado a falta-a-ser.

2 “Precário, Provisório, Perecível: eis aqui um vivo”

Se do ponto de vista estrutural, a composição de Lenine não se classifica como nenhuma forma fixa de se fazer poema, por outro lado, sua linguagem é de alto teor poético e é partindo de metáforas tão bem lapidadas que Lenine passa a inventariar uma série de adjetivos, aparentemente, ilhados e solitários entre si, para ao final compor um majestoso arquipélago, mosaico composicional que pode ser visto como o retrato do sujeito freudiano, ainda vivo, em pleno século XXI. Aliás, “vivo” é apropriadamente o título da referida canção.

A síntese poética da qual Lenine faz uso em sua lírica inaugura a letra da música, a qual se inicia com um bloco de palavras adjetivas, carreadas umas após as outras, em verso livre, como se enunciassem a busca de uma reconfiguração, cuja imagem seria mostrada aos poucos, a partir dos muitos poucos, pedaços e fragmentos, que a constitui exatamente assim:

Precário, provisório, perecível

Falível, transitório, transitivo

Efêmero, fugaz e passageiro

Eis aqui um vivo, eis aqui um vivo

O manejo de tais adjetivos introduz o ouvinte num torvelinho de qualificativos que decompõe e espedaça qualquer pretensão cartesiana do sujeito. Na medida do poema, a letra da canção representa aquilo que, na medida da teoria, a psicanálise assimilou e denunciou do sujeito, ao situá-lo como “(...) uma fenda, um furo, uma falta, sem unidade possível, ele é pontual e evanescente” (Jorge, 2017, p. 172).

Nesse particular, a letra da canção, ao tocar na provisoriedade e no perecimento do homem, toca diretamente na tormentosa questão que, desde os primórdios, ocupou o

pensamento freudiano, qual seja, a finitude do ser humano, a partir do definhamento do seu corpo. Aliás, como ponderou um dos grandes pensadores da contemporaneidade, o corpo corresponde ao lugar da morte do e no homem (Le Breton, 2016), o que ocorre quando me dou conta de que é no meu corpo e no corpo do outro que a morte se instaurará, colocando fim a tudo aquilo que até então me fazia vivo e pulsante.

Exatamente nesse ponto, a letra da canção acena para a grande particularidade do corpo, talvez a maior e mais instigante delas, a morte, isto é, a circunstância frágil e momentânea da carne, cujo perecimento culminará com sua própria extinção, fazendo do homem um ser “precário, provisório, perecível”, como na lírica existencial de Lenine. É a morte e não outra coisa que o corpo revela: “O que a presença do corpo denuncia, para além de qualquer reafirmação de sua existência individual, é sua fugacidade, a condição mortal, passageira do homem” (Rivera, 2014, p. 19-20).

Conforme antes esboçado, os estudos de Freud, já no início do século XX, apontavam para o corpo como sendo uma das grandes causas de sofrimento da

humanidade. À existência transitória e precária da carne, tornando o homem “fugaz e passageiro”, como nos versos de Lenine, somam-se duas outras grandes causas do mal-estar na civilização, quais sejam: o mundo exterior e o relacionamento do sujeito com os outros homens:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: do nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com outros homens. (Freud, 2006a, p. 84-85).

Além de “efêmero, fugaz e passageiro”, o sujeito freudiano conforma-se num corpo “falível, transitório e transitivo”, cuja falibilidade se mostra nos tropeços da linguagem que emana desse corpo que, também e ao contrário da utopia cartesiana, não se apresenta como fixo ou rígido, mas denuncia-se como “transitório e transitivo”. Nítida assim a clivagem, a bifurcação desse eu com o seu corpo, razão

pela qual se diz que tanto a arte quanto a psicanálise trazem o sujeito para o lado de fora de si, descentraliza-o, isto é:

“Não há coincidência entre eu e meu corpo. Isso é o que a linguagem comum acentua todos os dias, quando dizemos “tenho um corpo”, mais do que “sou um corpo”. No espaço, essa “casa” abre-se, para uma imprevisibilidade, um nomadismo, um trânsito que é o contrário da ideia de um lócus fixo e assegurador. (Rivera, 2014, p. 19-20).

É o sujeito freudiano, a exemplo do vivo lenineano, “falível”, porque se constitui sobretudo em falhas, lacunas, deslizos revelados nos atos de fala, como se pode observar nos esquecimentos, nos atos falhos, nos chistes, nos lapsos de memória. E é justamente nessa falha, nessa súbita página em branco da fabulação e do enredo urdido por cada um dos homens que a escuta psicanalítica deita seus ouvidos, tentando extrair um saber que só quem sabe e sofre pode dizer, pois desde os tempos homéricos todo homem é capaz de, pelo menos, duas grandes experiências: o sofrimento e a fabulação. É esse sujeito de fala e compreendido como “efeito de

linguagem”, porque constituído e atravessado pela língua que interessa à psicanálise, pois:

Para a psicanálise sujeito não é indivíduo ou pessoa, nem consciência ou ser racional, não é também o sujeito no sentido histórico ou jurídico (...) sujeito é sim, para ela, efeito de linguagem, ou seja, aquilo que resulta do fato de que só somos porque falamos. Trata-se, portanto de um sujeito dividido (Burgarelli, 2017, p. 42, grifo do autor).

A psicanálise, atenta às falhas do sujeito, põe-se na escuta desse discurso, cuja fabulação desfralda-se num manto entretecido de muitos matizes e, não raro, muitos remendos e alguns rasgos entre uma costura e outra. A interpretação desse discurso, a impressão sobre o quase-todo dessa colcha, não é dada pelo psicanalista, nem tampouco pelo paciente, mas advém de um saber que se instala naquele “entre”, pois graças às falhas e às faltas, aos rasgos e aos remendos, o sujeito reelabora sua história, não exatamente como aconteceu, mas na inexata medida de como ela pode ser

dita, no limite de uma gramática pessoal e trôpega.

Assim como na literatura, em psicanálise, o que importa não é o conteúdo, ou seja, não importa necessariamente “o que” se diz, mas o “modo como” isso é dito, a forma como o conteúdo desse sujeito precário e provisório é fabulado. Desse modo: “A análise é concebida como uma experiência de re-historização, que inclui aquilo que Freud nomeou de rememoração e que não se confunde com a realidade factual, mas com a verdade inerente à ‘assunção de sua história pelo sujeito’” (Jorge, 2017, p. 147).

E é dizendo deste homem, desse vivo, que Lenine, numa segunda estrofe, vai dar ênfase à impureza, à imperfeição e à impermanência de nossa condição humana. Mas não é apenas isso, porque, além de tudo, o homem é ainda incerto, incompleto, inconstante, cravado numa instabilidade que o torna variável, que o faz defectivo, defeituoso e falho em algumas situações. Lenine finaliza a estrofe numa espécie de autodelação: “eis aqui um vivo”, como se ele mesmo se colocasse ao julgamento do ouvinte, tão vivo e defeituoso quanto ele e, como tal, não legitimado a proferir qualquer

sentença, pois o homem nada mais é do que isso:

Impuro, imperfeito, impermanente;
 Incerto, incompleto, inconstante;
 Instável, variável, defectivo
 Eis aqui um vivo, eis aqui...

Pontua Lenine assim o híbrido do qual o sujeito é constituído, o que implica dizer o quão híbrido e impuro é também seu discurso, na medida em que é atravessado pelo discurso do outro, isto é: “Se ‘o sujeito que fala está para além do eu’, este é ‘essencialmente relação com o outro’, tomando nesse outro seu ponto de partida e seu apoio” (Jorge, 2017, p. 180). Isso implica dizer que muito pouco ou quase nada de inédito ou autoral existe naquilo que o sujeito enuncia, pois há sempre um já dito, haverá sempre uma nomeação anterior e primeira feita pelo outro.

Incompleto sempre, pois a eterna busca do homem reside numa incessante falta que o constitui, mas que também o move. Esse eterno querer, esse desejo inextinguível de um “mais ainda” revela-se como núcleo do próprio inconsciente, reduto do simbólico nele instaurado, que se traduz num saber plasmado na linguagem:

“O saber inconsciente – simbólico, a linguagem – é constituído de significantes e tem em seu núcleo uma falta real que é impossível de ser preenchida, falta nomeada por Lacan de objeto a” (Jorge, 2017, p. 151).

De forma mais sutil e poética, o “objeto a” lacaniano, “esse impossível de ser preenchido”, surge na última estrofe da canção de Lenine, mediante a representação de um sujeito não “satisfeito nunca”, por isso “não perfeito”, “não definitivo”, por isso “vivo”:

Não feito, não perfeito, não completo;
 Não satisfeito nunca, não contente;
 Não acabado, não definitivo
 Eis aqui um vivo, eis-me aqui.

A este desejo insatisfeito, ou seja, como sinônimo de falta, soma-se a pulsão direcionada a um gozo sempre almejado e que, se por um lado vivifica o corpo (pois um corpo morto não goza), por outro nunca o satisfaz plenamente, razão pela qual o sujeito freudiano será “não contente”, como o vivo da canção de Lenine. Nossas satisfações serão, assim, sempre provisórias e relativas, pois nosso desejo é um mais além e como tal desejo de outra coisa,

donde advém nossa incompletude ou inacabamento, a exemplo do que ocorre na letra da música.

Aqui, outra letra de música é convocada e parece ilustrar o sujeito desejante, uma vez que: “O desejo é sinônimo de falta e incompletude, da mesma maneira que a pulsão é sinônima de insatisfação em relação ao gozo que ela almeja: ‘I can’t get no, satisfaction!’” (Jorge, 2017, p. 209, grifo do autor).

Inconstante, variável e instável é o sujeito e, em especial, seus afetos tão ambíguos e plurissignificativos, na medida em que nossos sentimentos estão situados em territórios, cujos limites estão borrados, havendo muitas vezes um apagamento de divisas a respeito daquilo que amamos, daquilo que odiamos, daquilo que queremos, daquilo que refutamos, daquilo que nos faz bem, daquilo que nos faz mal, daquilo que nos é estranho, daquilo que nos é familiar.

Variamos e somos inconstantes, num rápido giro entre aquilo que nos faz viver e aquilo que nos faz morrer; somos produtos dessa tensão de forças entre Eros e Tânatos que Freud concebeu como a própria estrutura da psique humana. Na

realidade, para Freud, tanto o instinto de vida, quanto o instinto de morte é inerente tanto ao processo de formação do humano, quanto ao próprio processo de civilização, o que fica evidente na seguinte assertiva:

Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar uma luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida, e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida. É essa batalha de gigantes que nossas babás tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o céu. (Freud, 2006, p. 126).

É da elaboração de versos tão econômicos, porém de alta voltagem poética, que Lenine resgata o sujeito freudiano, tornando-o ainda mais vivo a cada prefixo “im/in”, a cada “não” e a cada “nunca”, que negam a tão sonhada (per)feição do eu cartesiano que se engana diante do espelho e, iludido, vê-se fixo, ao centro e no controle da cena.

Ledo engano, pois o vivo de Lenine, assim como o sujeito inconsciente de Freud, é mais uma peça deslocada e estranha neste grande cenário do mundo, particularmente no mundo do outro. Daí a lição precisa, segundo a qual a arte opera no resgate desse sujeito deslocado, pois: “O sujeito de que se trata na arte há muito não é mais aquele olho soberano capaz de ordenar a representação em regras mais ou menos fixas. Ele é outro: descentrado, não coincide mais com um centro organizador de representação” (Rivera, 2014, p. 21).

3 Considerações Finais: o sublime repousa embaixo

A escolha de Lenine por um léxico tão particular para compor sua canção, pinçando da língua um rol de termos adjetivos dotados de uma conotação tão negativa do sujeito, denota uma explícita opção por um traço que confere relevo àquilo que se mostra não na superfície do sujeito, mas àquilo que o constitui “embaixo”, ou seja, no chão empoeirado, pouco iluminado e esquecido de nossos primeiros dias.

É na penumbra da parte baixa e rugosa que Lenine se aventura e desce para colher os estilhaços de um sujeito que nunca foi inteiro, que nunca foi cartesiano.

E é da posse desse resto, desse refugio existencial, que Lenine, a exemplo da psicanálise, tenta compor um mosaico daquilo que, constituindo o homem, torna-o humano e, como tal, precário, provisório, perecível, dando voz ao seu eu para falar de um outro que ele é, na medida em que ele não é o eu que fala. E dessa fala do eu, descobre o sujeito a si mesmo: falível, transitório, transitivo, efêmero, fugaz e passageiro.

No entanto, esse sujeito é mais ainda: impuro, imperfeito, impermanente, não satisfeito nunca, não contente, não acabado, não definitivo, por isso assimétrico em seu alicerce, torto em seu telhado, oco e mal caiado em suas paredes, cujo reboco grosso deixa à mostra sua arquitetura surrealista de janelas obtusas,

portas estreitas, íngremes escadas para o andar de baixo.

E quem haverá de discordar que uma construção assim não possa ser habitada, e de dentro do desconforto desses (in)cômodos produzir o som de uma canção, eco de um discurso possível de ser dito, porque seu morador não é necessariamente um homem, uma mulher, uma criança ou um velho, mas um sujeito de linguagem, cujo corpo participa dessa experiência ou, ainda, ao gosto de Lacan, por se tratar de um residente plasmado num efeito do significante, enfim, um corpo no qual se alojam sintomas visíveis em sua superfície; sujeito dividido, cortado, caído, atingido pela fala.

Porém, um último gesto é preciso (e possível): olhar para o mais baixo de si e descobrir que o sublime também passeia no escuro. E mais que isso, sem escândalo algum, constatar que o estranho nos é familiar e nós somos esse outro revelado na penumbra do discurso do nosso próprio eu.

Referências

- Burgarelli, C. G. (2007). De que sujeito trata a psicanálise? In Burgarelli, C. G. (Org.), *Padecer do significante: a questão do sujeito*. Campinas: Mercado das letras. doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v12i23p214-223.
- Descartes, R. (2004). Discurso do método. In *Descartes*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda.
- Freud, S. (2006). *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor.
- Gueroult, M. (1992). *Descartes selon l'ordre des raisons*. Paris: Aubier. (Original published in 1953).
- Hall, S. (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Jorge, M. A. C. (2009). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: a prática clínica*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original published in 1960).
- Lacan, J. (2009). *Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original published in 1971).
- Le Breton, D. (2016). *Antropologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Moraes, E. R. (2002). *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras.
- Nunes, T. (2015). Uma faca só lâmina: em defesa da indiferença do analista. *Perspectivas em Psicologia*, 19, 2015, from: <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/32494> .
- Rivera, T. (2014). *O avesso do imaginário*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Russell, B. (2015). *História da Filosofia Ocidental*. Livro 3 – A Filosofia Moderna. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Safatle, V. (2017). *Introdução a Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica.

Sanches, P. A. (2002). Lenine. In Arthur Nestrovski (Org.), *Música popular brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha.

Steiner, G. (2003). *Gramáticas da criação*. São Paulo: Globo.

Zizek, S. (2009). *O sujeito incômodo*. Lisboa: Relógio D'Água.

Os autores:

Fábio Tibúrcio Gonçalves possui graduação em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo - Lorena (1998). Licenciatura em Letras - Português (2017) pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão e mestre (2014) em Estudos da Linguagem pela mesma instituição. Aluno do Curso de Especialização em Psicanálise pela UFG - Regional Catalão e aluno do doutorado em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Estudos da Linguagem (PPGEL) pela mesma instituição. Atualmente é assessor jurídico do Juiz de Direito da Comarca de Goiandira/GO - Tribunal de Justiça do Estado de Goiás. E-mail: fabio.tibur@gmail.com

Tiago Ribeiro Nunes professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás-RC, onde trabalha desde 2006. Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2004), Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2006) e Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (2012). Tem experiência em Teoria Psicanalítica, pesquisando principalmente temas comuns ao pensamento de Jacques Lacan e de Georges Bataille tais como: desejo, gozo, erotismo, excesso. E-mail: ribeiro.nunes@gmail.com

Recebido em: 03/09/2019.

Aprovado em: 30/12/2019